

Comentários
sobre
A Mensagem de Silo

Comentários sobre A Mensagem de Silo

Estes “Comentários” não contemplam todos os tópicos de “A Mensagem de Silo”, somente aqueles que nos parecem necessários para melhor compreensão deste escrito.

Faremos nossas aproximações de “A Mensagem de Silo” respeitando a ordem dessa exposição. Portanto, a primeira parte estará dedicada aos capítulos e parágrafos do livro “O Olhar Interior”, a segunda parte considerará “A Experiência” e a terceira, “O Caminho”.

Primeira Parte de A Mensagem de Silo

Na primeira parte, comentaremos o livro “O Olhar Interior”, considerando seus **três primeiros capítulos**, que são introdutórios e que se referem a certas precauções que se deveria tomar para enquadrar corretamente os temas mais importantes.

Até o capítulo V, as explicações possuem um transfundo de sem-sentido que o buscador de verdades mais definitivas se sente inclinado a descartar. Encontramos ali capítulos e parágrafos que merecem algumas considerações. Mas, primeiramente devemos nos perguntar: o que se pretende transmitir nesta obra? Trata-se de transmitir um ensinamento sobre a conduta e a interioridade humanas, com relação ao sentido da vida.

Por que o Livro tem por título “O Olhar Interior”? Será que por acaso o órgão da visão não está colocado para observar o mundo exterior, como se fosse uma janela ou duas, se for o caso; não está colocado para se abrir a cada dia ao despertar da consciência? O fundo do olho recebe os impactos do mundo exterior. Mas, às vezes, quando fecho as pálpebras, recordo o mundo externo, ou imagino, ou devaneio, ou sonho com ele. Vejo esse mundo com um olho interior que também olha em uma tela, mas que não é correspondente ao mundo externo.

Mencionar um “olhar interior” é implicar alguém que olha e algo que é olhado. O Livro trata disso e seu título ressalta uma imprevista advertência de confrontação com o ingenuamente admitido. O título do Livro resume estas idéias: “há outras coisas que se veem com outros olhos e há um observador que pode se posicionar de modo diferente do habitual”. Devemos, agora, fazer uma pequena distinção.

Quando digo que “vejo algo”, anuncio que estou em atitude passiva com relação a um fenômeno que impressiona meus olhos. Quando, em vez disso, digo que “olho algo”, anuncio que oriento meus olhos em determinada direção. Quase no mesmo sentido posso falar de “ver interiormente”, de assistir visões internas como as do divagar ou as do sonhar, diferenciando do “olhar interior” como direção ativa de minha consciência. Desse modo, posso até recordar meus sonhos, ou minha vida passada, ou minhas fantasias e olhá-las ativamente, iluminá-las em seu aparente absurdo, procurando dotá-las de sentido. O olhar interior é uma direção ativa da consciência. É uma direção que busca significação e sentido no mundo interno aparentemente confuso e caótico. Essa direção é anterior a esse olhar, já que o impulsiona. Essa direção permite a atividade do olhar interior. E se chegarmos a captar que o olhar interior é necessário para revelar o sentido que o empurra, compreenderemos que em algum momento aquele que olha terá que ver-se a si mesmo. Esse “si mesmo” não é o olhar, nem sequer a consciência. Esse “si mesmo” é o que dá sentido ao olhar e às operações da consciência. É anterior e transcendente à própria consciência. De modo muito amplo, chamaremos esse “si mesmo” de “Mente” e não o confundiremos com as operações da consciência, nem com ela mesma. Mas quando alguém pretende capturar a Mente, como se fosse um fenômeno a mais da consciência, ela escapa, porque não admite representação nem compreensão.

O olhar interior deverá chegar a chocar com o sentido que a Mente coloca em todo fenômeno, mesmo os da própria consciência e da própria vida, e o choque com esse sentido iluminará a consciência e a vida. Sobre isso trata o Livro em seu núcleo mais profundo.

A reflexão sobre o título da obra nos leva a todo o anterior. Mas, ao entrar nela, no primeiro parágrafo do primeiro capítulo, lemos:

“Aqui se conta como se converte o sem-sentido da vida em sentido e plenitude.”

E o parágrafo 5 do mesmo capítulo esclarece:

“Aqui se fala da revelação interior à qual chega todo aquele que cuidadosamente medita em humilde busca.”

Fica marcado o objetivo: converter o sem-sentido da vida em sentido. E, além disso, está traçado o

modo de chegar à revelação do sem-sentido com base em uma cuidadosa meditação.

Vamos entrar no tema...

O capítulo I desenvolve o modo de chegar à revelação interior, prevenindo sobre as falsas atitudes que afastariam do objetivo proposto.

O capítulo III trata do que se deu por chamar “o sem-sentido”. O desenvolvimento deste capítulo começa com o paradoxo do “triunfo-fracasso”, nestes termos:

“Aqueles que levaram o fracasso em seu coração puderam vislumbrar o último triunfo. Aqueles que se sentiram triunfadores ficaram no caminho como vegetais de vida difusa e apagada.”

Neste capítulo, reivindica-se o “fracasso” como não conformidade com os sentidos provisórios da vida e como estado de insatisfação impulsionador de buscas definitivas. Destaca o perigo do encantamento nos triunfos provisórios da vida – aqueles que quando alcançados exigem mais, levando finalmente à decepção, e quando não alcançados levam também à decepção definitiva, ao ceticismo e ao niilismo.

Mais adiante, no mesmo capítulo, mas no parágrafo 1, afirma-se:

“Não há sentido na vida se tudo termina com a morte.”

Bem, está por ser demonstrado se efetivamente a vida termina ou não termina com a morte, por um lado, e se a vida tem ou não sentido em função do fato da morte... Essas duas interrogantes escapam do campo da Lógica para tratar de serem resolvidas, ao longo do Livro, em termos de existência. Seja como for, este parágrafo 1 do capítulo III não é para ser lido apressadamente, passando-se imediatamente para o parágrafo seguinte. Exige uma pausa e algumas reflexões, já que está tratando de um ponto central de Doutrina. Os parágrafos seguintes se ocupam de ressaltar a relatividade dos valores e das ações humanas.

O capítulo IV considera todos os fatores de dependência que operam sobre o ser humano, subtraindo-lhe possibilidades de escolha e ação livre.

O capítulo V menciona alguns estados de consciência que têm caráter diferente dos habituais. Trata-se de fenômenos sugestivos e não por isso extraordinários, mas que de qualquer maneira têm a virtude de fazer suspeitar sobre um novo sentido da vida. A suspeita do sentido está longe de dar uma fé ou de fomentar uma crença, mas permite variar ou relativizar a negação cética do sentido da vida.

O registro de tais fenômenos não faz mais que promover uma dúvida intelectual, mas tem a vantagem de afetar o sujeito em sua vida diária, por seu caráter de experiência. Nesse sentido, possui maior aptidão de transformação do que poderia ter uma teoria ou um conjunto de ideias que fizesse variar simplesmente o ponto de vista em relação a qualquer posição frente à vida.

Neste capítulo, mencionam-se certos fatos que, verdadeiros ou não do ponto de vista objetivo, colocam o sujeito em uma situação mental diferente da habitual. Esses fatos têm a aptidão de se apresentarem acompanhados por intuições que fazem suspeitar outro modo de viver a realidade. E, precisamente, esse “suspeitar” outro tipo de realidade nos abre para outros horizontes. Em todas as épocas, os chamados “milagres” (no sentido daqueles fenômenos que contrariam a percepção normal) arrastam consigo intuições que acabam colocando o sujeito em outro âmbito mental.

A esse âmbito, que chamamos de “consciência inspirada”, atribuímos numerosas significações e correlativamente numerosas expressões. Os parágrafos deste capítulo configuram uma espécie de lista incompleta, mas suficiente, de registros que, ao ocorrerem, invariavelmente provocam perguntas pelo sentido da vida. Seu registro é de uma intensidade psíquica tal que exige respostas sobre seu significado. E quaisquer que sejam essas respostas, o sabor íntimo que deixam é sempre de suspeita sobre uma realidade diferente. Vejamos os casos:

“Às vezes, tenho me adiantado a fatos que depois vieram a ocorrer. Às vezes, tenho captado um

pensamento distante. Às vezes, tenho descrito lugares que nunca visitei. Às vezes, tenho contado com exatidão o sucedido em minha ausência. Às vezes, uma alegria imensa tem-me envolvido. Às vezes, uma compreensão total tem-me invadido. Às vezes, uma comunhão perfeita com tudo me tem extasiado. Às vezes, tenho rompido meus devaneios e visto a realidade de um modo novo. Às vezes, tenho reconhecido, como se visse novamente, algo que via pela primeira vez.... E tudo isso me tem dado o que pensar. Dou-me conta de que, sem essas experiências, não poderia ter saído do sem-sentido.”

O capítulo VI estabelece diferenças entre os estados de sono, semissono e vigília. A intenção está colocada em relativizar a ideia que normalmente se tem sobre a realidade cotidiana e sobre a exatidão dessa realidade que se percebe.

Os capítulos VII, VI II, IX, X, XI, XII e depois XV, XVI, XVII e XVIII tratam direta ou indiretamente do fenômeno da Força.

O tema da Força é de sumo interesse, porque permite de maneira prática colocar em marcha experiências que orientam em direção ao sentido – diferentemente das experiências comentadas no capítulo V, que outorgam a suspeita do sentido, mas ocorrem espontaneamente ou sem direção alguma. Acerca da Força e suas implicações falaremos no final destes comentários sobre O Olhar Interior.

Agora nos concentraremos nos quatro capítulos restantes do Livro.

O capítulo XIII apresenta os “Princípios de Ação Válida”. Trata-se da formulação de uma conduta na vida que se expõe àqueles que desejam levar uma vida coerente, baseando-se em dois registros internos básicos: o de unidade e o de contradição. Dessa maneira, a justificação dessa “moral” reside nos registros que produz e não em idéias ou crenças particulares relativas a um lugar, a um tempo ou a um modelo cultural. O registro de unidade interna que se deseja evidenciar é acompanhado por alguns indicadores a serem levados em conta: 1.- sensação de crescimento interno; 2.- continuidade no tempo e 3.- afirmação de sua repetição no futuro.

A sensação de crescimento interno aparece como um indicador verdadeiro e positivo, sempre acompanhado da experiência de melhoramento pessoal, enquanto a continuidade no tempo permite comprovar em situações posteriores ao ato, ou imaginadas com posterioridade ao ato, ou comparadas na recordação com situações posteriores ao ato, se este não varia pelo quadro da situação. Por último, se depois do ato se experimenta como desejável sua repetição, dizemos que se afirma na sensação de unidade interna. Ao contrário, os atos contraditórios podem possuir algumas das três características dos atos unitivos, ou nenhuma delas, mas em nenhum caso podem possuir as três características dos atos unitivos.

No entanto, existe outro tipo de ação que não podemos chamar estritamente de “válida”, nem de “contraditória”. É a ação que não obstrui o próprio desenvolvimento, nem provoca melhoramentos consideráveis. Pode ser mais ou menos desagradável ou mais ou menos prazerosa, mas não soma nem subtrai, do ponto de vista de sua validade. Essa ação intermediária é a cotidiana, a mecanicamente habitual, talvez necessária para a subsistência e a convivência, mas não constitui em si um fato moral, de acordo com o modelo de ação unitiva ou contraditória conforme viemos examinando. Os Princípios chamados “de ação válida” se classificam como: 1.- de adaptação; 2.- de ação e reação; 3.- de ação oportuna; 4.- de proporção; 5.- de conformidade; 6.- do prazer; 7.- da ação imediata; 8.- da ação compreendida; 9.- de liberdade; 10.- de solidariedade; 11.- de negação dos opostos e 12.- de acumulação das ações.

O capítulo XIV do Livro trata do “Guia do Caminho Interno”. Esse Guia não tem maiores pretensões que qualquer experiência guiada, embora enquadrada entre as exercitações que se propõem em uma direção transcendente de fenômenos “sugestivos” ou de “suspeita do sentido”.

O capítulo XIX fala dos “estados internos”. Este capítulo não é uma experiência guiada e não pretende soluções transferenciais, mas de modo alegórico trata de descrever situações atuais nas

quais o leitor pode se encontrar. Este capítulo é uma descrição poética e alegórica de diversas situações nas quais uma pessoa pode se encontrar em seu caminho para o encontro do sentido da vida. Como se diz em seu primeiro parágrafo:

“Deves adquirir agora suficiente percepção dos estados internos nos quais podes encontrar-te ao longo de tua vida e, particularmente, ao longo de teu trabalho evolutivo.”

O capítulo XX, intitulado “A Realidade Interior”, é um tanto obscuro. Ao que parece, sua interpretação é difícil para quem não está familiarizado com a teoria de simbólica e alegórica e dos fenômenos de produção, tradução e deformação de impulsos. De qualquer maneira e deixando de lado a compreensão teórica deste capítulo final, não é difícil encontrar pessoas que percebem com relativa nitidez seus estados internos e captam seus significados em nível profundo, como se o fizessem com um parágrafo poético qualquer.

Voltando agora aos capítulos relacionados com a Força.

Os temas da Força, Centro Luminoso, Luz Interna, Duplo e Projeção da Energia admitem duas visões diferentes. A primeira: considerá-los como fenômenos de experiência pessoal e, portanto, mantê-los em relativa incomunicação com aquelas pessoas que não os registraram, limitando-os, em todo caso, a descrições mais ou menos subjetivas. A segunda: considerá-los dentro de uma teoria maior que os explique, sem apelar à prova da experiência subjetiva. Tal teoria maior que poderíamos considerar como derivada de uma Psicologia Transcendental é de uma complexidade e profundidade impossíveis de expor nestes simples “Comentários sobre A Mensagem de Silo”.

Segunda Parte de A Mensagem de Silo

Nesta segunda parte, chamada “A Experiência”, consideramos oito cerimônias que se apresentam para diferentes casos e situações da vida pessoal e social.

Em quase todas as cerimônias estão presentes duas realidades que, tratadas explicitamente ou não, mostram sua importância pelos profundos significados que têm para a vida. Essas realidades, que admitem diferentes interpretações, conhecemos sob as designações de “Imortalidade” e “Sagrado”. A Mensagem confere a maior importância a esses temas e explica que se deve contar com pleno direito para crer ou não crer na Imortalidade e no Sagrado, porque conforme uma pessoa se posicione frente a isso, assim será a orientação de sua vida.

A Mensagem assume as dificuldades de examinar abertamente as crenças fundamentais, entrando em choque com a censura e a autocensura que inibem o pensamento livre e a boa consciência. No contexto da livre interpretação que a Mensagem estimula, admite-se que para algumas pessoas a Imortalidade se refere às ações realizadas em vida, mas seus efeitos continuam no mundo físico, apesar da morte física. Para outras, a memória que se conserva nos seres queridos, ou ainda em grupos e sociedades, garante a persistência depois da morte física. Para outras, a Imortalidade é aceita como persistência pessoal em outro nível, em outra “paisagem” de existência.

Continuando com a livre interpretação, alguns sentem o Sagrado como o motor do afeto mais profundo. Para eles, os filhos ou outros seres queridos representam o Sagrado e possuem um máximo valor que não deve ser aviltado por nenhum motivo. Há aqueles que consideram Sagrado o ser humano e seus direitos universais.

Outros experimentam a divindade como a essência do Sagrado.

Nas comunidades que se formam em torno da Mensagem, considera-se que as diversas posturas adotadas frente à Imortalidade e ao Sagrado não devem ser simplesmente “toleradas”, mas genuinamente respeitadas.

O Sagrado se manifesta a partir da profundidade do ser humano, daí a importância que tem a experiência da Força como fenômeno extraordinário que podemos fazer surgir no mundo cotidiano. Sem a experiência, tudo é duvidoso; com a experiência da Força, temos evidências profundas. Não necessitamos da fé para reconhecer o Sagrado. A Força se obtém em algumas cerimônias, como o Ofício e a Imposição. Também nas cerimônias de Bem-estar e Assistência pode-se perceber os efeitos da Força.

O contato com a Força provoca uma aceleração e um aumento da energia psicofísica, sobretudo se cotidianamente se realizam atos coerentes que, por outro lado, criam unidade interna orientada em direção ao crescimento espiritual.

A primeira experiência, conhecida como “Ofício”, é uma cerimônia social que se realiza a pedido de um conjunto de pessoas. Os participantes chamados de “Oficiante” e “Auxiliar” estabelecem uma espécie de diálogo em voz alta que permite a todos acompanharem a mesma sequência desde o começo até a conclusão. Trata-se de uma experiência que, utilizando alguns recursos de relaxamento, em pouco tempo vai dando lugar a um conjunto de imagens visuais e cenestésicas que, finalmente, tomam o caráter de uma “forma esférica” em movimento, capaz de liberar a Força. Em dado momento, cita-se um Princípio ou pensamento de “O Olhar Interior” como tema de meditação. Finalmente, realiza-se um Pedido na direção do que cada um experimenta como sua “necessidade” mais profunda.

Em outra cerimônia, também social, conhecida como “Imposição”, trabalha-se com o registro da Força de modo mais direto que no Ofício. Não se apela à evocação nem registro da esfera. Tampouco se lê um Princípio nem se sugere algum tema de meditação. Efetua-se um Pedido na mesma mecânica do Ofício.

Uma terceira cerimônia, conhecida como “Bem-estar”, também se realiza a pedido dos participantes. Sem dúvida, trata-se de uma posição mental na qual uma ou várias pessoas são evocadas, tratando-se de lembrar do modo mais vívido possível sua presença e seus tons afetivos mais característicos. Busca-se compreender do modo mais intenso possível as dificuldades que nesse momento podem estar vivendo aqueles que são evocados. A partir daí, passa-se a considerar uma melhora na situação, de maneira que se possa experimentar o registro de alívio correspondente.

Esta cerimônia evidencia um certo mecanismo de “bons desejos” ou “boas intenções” com os quais nos expressamos quase espontaneamente e com muita frequência. Dizemos: “que tenha um bom dia”, “que comemore muitos e bons aniversários”, “que vá bem em sua prova” ou “que supere a dificuldade atual”, etc. É claro que nesta cerimônia os “Pedidos” são feitos a partir de uma boa disposição mental em que se enfatizam os registros afetivos intensos.

O “Pedido” de benefícios para outros, realizado nas melhores condições, coloca-nos em uma posição mental na qual nos predispomos a dar as ajudas necessárias que, além disso, melhoram nossas direções mentais, fortalecendo em nós as possibilidades de comunicação com os demais.

Um ponto muito importante a considerar com relação aos “Pedidos” é o de efetua-los a fim de que outros possam superar as dificuldades e restabelecer suas melhores possibilidades. Sobre isso, não deve haver confusão. Vejamos um caso. Poderíamos supor que um Pedido pelo restabelecimento da saúde de alguém moribundo é o mais adequado, já que se está tratando de subtrair a dor e o sofrimento da pessoa afetada, mas ao enfocar esse Pedido é preciso ser cuidadoso, porque não se trata de pedir o melhor para si mesmo, que gostaria de manter o afetado com boa saúde e perto de nós. O pedido correto deveria apontar na direção do melhor para esse moribundo, e não do melhor para nós mesmos. Nessa situação, em que estamos ligados pelo afeto a esse moribundo sofredor, talvez devêssemos considerar que essa pessoa pode desejar sair dessa situação, reconciliada e em paz consigo mesma. Nesse caso, o Pedido é “pelo melhor para a pessoa afetada” e não pelo melhor para mim, que gostaria de manter a outra pessoa a todo custo. Dessa maneira, o Pedido pelo outro deve considerar o que é melhor para o outro e não para mim.

Esta cerimônia termina, para aqueles que assim desejem, fazendo sentir a presença daqueles seres muito queridos que *“ainda que não estejam aqui, em nosso tempo e em nosso espaço”* se relacionam ou se relacionaram conosco na experiência do amor, da paz e da cálida alegria.

Finalmente, com esta cerimônia se pretende criar uma corrente de bem-estar para todos os presentes que estejam orientados em uma mesma direção.

Da quarta cerimônia, chamada de “Proteção”, participam Oficiante, Auxiliar, familiares e conhecidos das crianças para as quais está dedicada. As explicações sobre formalidades e significados vão se dando ao longo do desenvolvimento desta cerimônia de mudança de estado.

A quinta cerimônia, de “Matrimônio”, também é de natureza social e, por isso, costuma-se celebrar com a participação de diversos casais que desejam se unir e dar testemunho público de sua mudança de estado. Como na cerimônia de Proteção, aqui se dão explicações sobre formalidades e significados ao longo de todo seu desenvolvimento.

A sexta cerimônia, chamada de “Assistência”, é basicamente individual. Como se explica na ambientação da fala do Oficiante: *“Esta é uma cerimônia de muito afeto e exige que quem a realize dê o melhor de si. A cerimônia pode ser repetida a pedido do interessado ou daqueles que cuidam dele. O Oficiante a sós com o moribundo. Qualquer que seja o aparente estado de lucidez ou inconsciência do moribundo, o Oficiante se aproxima dele falando com voz suave, clara e pausada.”*

Diversas frases lidas pelo Oficiante provêm do capítulo XIV de “O Olhar Interior”, intitulado “O Guia do Caminho Interno”. A sequência, as imagens e as alegorias que se expõem possuem a estrutura de uma experiência guiada profunda.

A sétima cerimônia, de “Morte”, é levada adiante pelo Oficiante, tal qual na cerimônia de Assistência. Entretanto, trata-se de uma cerimônia social destinada a familiares, amigos e conhecidos

do falecido.

A oitava e última cerimônia, chamada de “Reconhecimento”, é levada adiante por um Oficiante e um Auxiliar. Na ambientação, explica-se que se trata de uma cerimônia de inclusão na Comunidade. *Inclusão por experiências comuns, por ideais, atitudes e procedimentos compartilhados. Realiza-se a pedido de um conjunto de pessoas e logo depois de um Ofício.* Aqueles que participarão devem contar com o texto que já foi distribuído antes. Esta cerimônia tem a estrutura de um testemunho coletivo.

Terceira Parte de A Mensagem de Silo

Nesta terceira parte são apresentados 17 temas de meditação que dizem respeito a alcançar coerência no pensar, no sentir e no fazer. Chama-se “O Caminho” este trabalho que se segue para avançar em direção à coerência, à unidade da vida e para evitar a contradição, a desintegração da vida. Agrupamos os 17 temas em 2 blocos. No bloco dos primeiros 8 temas, indica-se a situação em que está localizado quem busca coerência e também o caminho a seguir para avançar em direção à coerência.

No bloco dos 9 temas finais, indicam-se as dificuldades que se deve superar para avançar em direção à coerência.

1. “Se acreditas que tua vida termina com a morte, o que pensas, sentes e fazes não tem sentido. Tudo termina na incoerência, na desintegração.”

Aqui se afirma que nenhuma justificação é possível, se colocada na perspectiva da morte. Por outro lado, fazemos nossa vida levados pelas necessidades vitais. Comer, beber, defender-se das agressões naturais e buscar o prazer são grandes impulsos que permitem a continuidade da vida em curto prazo. Graças à ilusão de permanência vital, podem-se manter todas as atividades, mas não podem ser justificadas fora da ilusão da permanência.

2. “Se acreditas que tua vida não termina com a morte, deve coincidir o que pensas com o que sentes e com o que fazes. Tudo deve avançar para a coerência, para a unidade.”

Afirma-se que, no caso de acreditar na permanência ou projeção da vida além da morte, isso se deve justificar pela coincidência do pensar, do sentir e do atuar na mesma direção. A vida pode permanecer ou projetar-se por um tipo de unidade dinâmica e, em caso algum, pela contradição.

3. “Se és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, toda ajuda que peças não encontrará justificativa.”

No mundo das relações não se pode justificar as próprias necessidades negando as dos outros.

4. “Se não és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, deves fazer com que coincida o que sentes com o que pensas e fazes para ajudar os outros.”

Uma posição coerente frente à dor e ao sofrimento dos demais exige que o que se pensa, sente e faz tenham a mesma direção.

5. “Aprende a tratar os demais do modo que queres ser tratado.”

Se pretendemos coerência, todo nosso mundo de relações há de ser regido pela reciprocidade das ações. Esta postura não está “dada naturalmente” no comportamento – considera-se como algo em crescimento, algo que deve ser aprendido. Esta conduta é conhecida como a “Regra de Ouro”. Tal conduta se aprende e se aperfeiçoa ao longo do tempo e da experiência no mundo das relações.

6. “Aprende a superar a dor e o sofrimento em ti, em teu próximo e na sociedade humana.”

Também aqui é possível a aprendizagem, não o abandono a uma suposta “natureza” humana. Tal aprendizagem se estende aos demais como consequência do aprendido na superação do próprio sofrimento.

7. “Aprende a resistir à violência que há em ti e fora de ti.”

Como a base de toda aprendizagem de superação e coerência.

8. “Aprende a reconhecer os signos do Sagrado em ti e fora de ti.”

Essa intuição do “Sagrado”, do insubstituível, cresce e vai se estendendo a diversos campos, até chegar a orientar a vida (o Sagrado na própria pessoa) e as ações na vida (o Sagrado fora da pessoa).

9. “Não deixes passar tua vida sem te perguntar: “Quem sou?”

No sentido dos significados de si mesmo e do que distorce o que se refere a “si mesmo”.

10. “Não deixes passar tua vida sem te perguntar: “Para onde vou?”

No sentido da direção e dos objetivos da vida.

11. “Não deixes passar um dia sem te responder quem és.”

Na recordação cotidiana de si mesmo relacionada com a finitude.

12. “Não deixes passar um dia sem te responder para onde vais.”

É a recordação cotidiana de si mesmo, relacionada com os objetivos e a direção da própria vida.

13. “Não deixes passar uma grande alegria sem agradecer em teu interior.”

Não somente pela importância que tem reconhecer uma grande alegria, mas também pela disposição positiva que se acentua ao “agradecer”, reforçando a importância disso que se experimenta.

14. “Não deixes passar uma grande tristeza sem reivindicar em teu interior aquela alegria que ficou ‘guardada’.”

Precisamente, se em determinado momento fizeram-se conscientes as experiências de alegria, ao evocá-las nos momentos difíceis, apela-se à memória (“carregada” de afetos positivos). Poder-se-ia pensar que nessa “comparação” sai perdendo a situação positiva, mas não é assim, porque essa “comparação” permite modificar a inércia afetiva dos estados negativos.

15. “Não imagines que estás só em teu povoado, em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos.”

Esta “solidão” é uma experiência que sofremos como “abandono” de outras intenções e, em suma, como “abandono” do futuro. Falar de “teu povoado, tua cidade, da Terra e dos infinitos mundos” coloca tudo e cada um dos lugares pequenos e grandes, despovoados e povoados, frente à solidão e ao nada de toda possível intenção. A posição oposta parte da própria intenção e se estende fora do tempo e do espaço em que transcorre nossa percepção e nossa memória. Estamos acompanhados por diversas intenções e mesmo na aparente solidão cósmica existe “algo”. Há algo que mostra sua presença.

16. “Não imagines que estás encadeado a este tempo e a este espaço.”

Se não podes imaginar nem perceber outro tempo e outro espaço, podes intuir um espaço e um tempo internos nos quais operam as experiências de outras “paisagens”. Nessas intuições, superam-se determinismos do tempo e do espaço. Trata-se de experiências não ligadas à percepção, nem à memória. Tais experiências são reconhecidas indiretamente e unicamente ao “entrar” ou “sair” desses espaços e desses tempos.

Essas intuições ocorrem por deslocamento do “eu” e se reconhece seu começo e seu fim por uma nova acomodação do “eu”. As intuições diretas dessas “paisagens” (nesses espaços Profundos) são obscuramente recordadas por contextos temporais, nunca por “objetos” de percepção ou representação.

17. “Não imagines que em tua morte se eterniza a solidão.”

Considerando a morte como “nada” ou como solidão total, é claro que não subsiste o “antes” e o “depois” dessa experiência Profunda. A Mente transcende a consciência ligada ao “eu” e aos espaços e tempos de percepção e representação.

Por outro lado, nada que ocorra nos Espaços Profundos pode-se fazer patente para a experiência.

Silo
03 de março de 2009
Centro de Estudos de Punta de Vacas